

ANÁLISE INTERMIDIÁTICA DE DUAS ADAPTAÇÕES PARA ROMANCES GRÁFICOS DE "O ALIENISTA"

Erika Viviane Costa Vieira (UFVJM)¹
Erika Gabriella Mendes Silva (UFVJM)²

Resumo: Este trabalho buscou comparar os recursos narrativos das adaptações quadrinísticas, realizadas por Vilachã e Rodrigues (2006) e Moon e Bá (2007), do conto clássico "O alienista", por meio de uma análise a partir de fragmentos da obra machadiana. Por serem os romances gráficos uma combinação de mídias e as adaptações transposições midiáticas, nos apoiamos nos conceitos de intermedialidade, segundo Rajewsky (2012), e de narratividade midiática, segundo Gaudreault e Marion (2012). O objetivo foi identificar os tipos de narratividade que as adaptações conferiram ao texto fonte e como elas contribuem como ferramenta própria de leitura no âmbito educacional.

Palavras-chave: adaptação; intermedialidade; romance gráfico; "O alienista".

A relação entre literatura e quadrinhos tem sido um meio importante para a divulgação de diversas narrativas. É crescente a exploração de materiais literários pelos quadrinhos através da reelaboração de enredos e de autores diversos e a estratégia adaptativa é um ponto importante no que diz respeito a esta relação. As adaptações vão desde as narrativas mais aproximadas do original até as que exibem maneiras inovadoras de reconstrução do texto base. Esta prática tem se tornado tão presente que já se observa uma certa tradição da quadrinização de obras literárias no Brasil.

Nesse sentido, pretende-se aqui realizar uma análise de duas adaptações

¹ Professora Adjunta II do curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês e do Bacharelado em Humanidades. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Doutora em Letras: Estudos Literários pela UFMG. E-mail: erikavcv@gmail.com.

² Bacharel em Humanidades e estudante de graduação do curso de Pedagogia. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Bacharel. E-mail: gabriela_badaras@hotmail.com.

quadrinísticas do conto "O alienista", de Machado de Assis – um clássico da literatura brasileira. Buscamos comparar os recursos narrativos das adaptações realizadas pelos quadrinistas Francisco Vilachã e Fernando Rodrigues (2006) e Fábio Moon e Gabriel Bá (2007), com o propósito de identificar como cada autor interpreta o texto de Machado no que se refere ao caráter didático de cada adaptação. Teremos como suporte teórico deste trabalho a perspectiva da intermedialidade que, de acordo com Rajewsky (2012: 18), diz respeito ao cruzamento das fronteiras entre as mídias. Este ponto de vista teórico mostra-se como uma alternativa adequada de análise, pois o quadrinho, por si só, já é considerado uma combinação de mídias (visual e verbal) e, na adaptação, percebe-se a presença da transposição intermidiática. Sendo assim, ambos são exemplos de intermedialidade.

Ambas adaptações quadrinísticas em questão pertencem a uma subcategoria dos quadrinhos: a *graphic novel*, que pode ser traduzida como "romance gráfico" ou "novela gráfica". Esta se caracteriza como uma publicação mais sofisticada, uma vez que permite variados estilos artísticos e possui encadernação do tipo brochura, com lombada, e não canoa. A nomenclatura *graphic novel* está relacionada a narrativas longas, mais complexas e diferenciadas, muito semelhantes à prosa literária. Inicialmente, tinha relação com produções oriundas da Europa, mas passou a corresponder, também, a trabalhos nacionais, sempre direcionados a um público mais adulto. Essa nomenclatura visava a valorizar os produtos que a ela se relacionassem. Paul Gravett (2005: 8) menciona que muitas expectativas cercam os termos "novela" ou "romance", os quais remetem a algo "sério", às narrativas literárias, como se o romance gráfico fosse uma extensão de obras literárias. Isso contradiz a própria existência dessa categoria de quadrinho, uma vez que muitas das *graphic novels* pertencem à "não-ficção", tais como História, biografias, reportagens, documentários e as educacionais. Na verdade, o termo serve menos para denotar uma precisa articulação entre o "graphic" e o "novel" do que separa a publicação dos estigmas do humor e da infantilidade do "comic" (*comics* ou História em Quadrinhos cômicas ou para entreter, em geral). Dito isso, daremos preferência ao termo "romance gráfico" para que a tradução de "novel" se aproxime mais de "romance" do que de "novela", uma vez que este último remete e é mais conhecido pelo público brasileiro como o folhetim televisivo.

1. A questão do cânone e o recente fenômeno adaptativo

"O alienista" de Machado de Assis traz a figura de um homem sábio, vivaz, que é venerado por sua mulher e por seus amigos. Simão Bacamarte, como é chamado, morava na Vila de Itaguaí, mas foi estudar em Coimbra e Pádua. Ao contrário do que se esperava dele, retornou à Vila, decidido a estudar a loucura, a ponto de construir uma casa para abrigar todos os loucos que encontrasse naquele lugar. Nada o comovia além da ciência, nem a própria mulher, que, não composta de belas feições, não lhe dava com que se preocupar. Nem esta escapou dos estudos do marido, sendo trancafiada também na Casa Verde. Ao perceber que havia falhas em seus estudos, Simão Bacamarte decide tirar os loucos da Casa Verde e colocar agora aqueles com o juízo perfeito. No final das contas, ele é visto como único em perfeitas condições de equilíbrio, trancando-se para o estudo de si mesmo. O alienista, com

sede de ciência e de desvendar a "loucura"³, acaba por morrer ali mesmo, ficando como o único louco da Vila de Itaguaí.

Machado de Assis é considerado um dos maiores escritores da literatura brasileira, e o seu conto "O alienista" integra a lista dos grandes clássicos nacionais, constantemente presente nas salas de aula. O termo "clássico" pode levar a entender que se trata de uma obra que se constitui como modelo para imitação. Esta acepção também aponta para as "dificuldades" de se ler um clássico: pode afastar o leitor por receio de que seja uma leitura difícil e distanciada da realidade escolar atual, por exemplo. No entanto, apesar de uma obra clássica poder apresentar alguma dificuldade ao leitor, ela amplia o seu poder de reflexão.

O número de adeptos do uso das histórias em quadrinhos (HQ) em sala de aula vem crescendo, visto que o gênero em questão é atrativo para o público infanto-juvenil, tornando-se, dessa forma, um facilitador do ensino-aprendizagem. Com isso, o número de transposições de obras literárias consideradas clássicas para os quadrinhos vem crescendo no mercado editorial, com o intuito de formar ou iniciar jovens leitores na literatura clássica. Pressupõe-se, assim, que haja dificuldade na compreensão da literatura pelos alunos do ensino regular e que esta deve ser introduzida por gêneros mais "fáceis".

O advento da *graphic novel*, a legislação de incentivo à cultura no Brasil nos anos 2000, o PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola), que desde 2006 inclui obras em quadrinhos na composição dos acervos de bibliotecas escolares, e razões comerciais foram alguns dos motivos que intensificaram a produção de quadrinhos no país. Machado de Assis pode ser um exemplo para ilustrar o momento de explosão das adaptações literárias nacionais. Os seus textos serviram como porta de entrada para a lista do PNBE, sendo um dos autores mais adaptados neste século.

O PNBE, existente desde 1997, estabelece quais livros o governo federal irá comprar para que seja composto o acervo de bibliotecas das escolas. Chinen, Vergueiro e Ramos (2014: 29) acrescentam que o PNBE:

Passou a servir de incentivo para a edição de obras em quadrinhos, notadamente aquelas que têm o forte potencial para serem adotadas pelo programa. Nesse aspecto, a decisão de se publicar uma adaptação parece obedecer à lógica de mercado: produz-se aquilo que tem chance de ser vendido para um grande comprador, no caso o governo. Muitas obras, inclusive, são planejadas para acrescentar informações ao currículo escolar. Por essa razão, as biografias de personalidades históricas ou as adaptações literárias ganharam espaço nos últimos tempos de várias editoras. (Chinen et al. 2014: 29).

Como bem apontam Vergueiro e Ramos (2009), as histórias em quadrinhos passaram a ser avaliadas por este programa nos últimos dez anos, elevando o gênero a um novo patamar. Este acontecimento representa um avanço na maneira como os quadrinhos são vistos pelo ensino, passando a integrar políticas institucionalizadas de programas culturais. Apesar disso, ocorre um desafio quanto ao seu uso na sala

³ Compreende-se a loucura como uma ironia nesta obra machadiana.

de aula, pois percebe-se o iminente risco de que ele seja utilizado como substituto da literatura. Usando-o no lugar da literatura, o quadrinho é subutilizado em sua potencialidade narrativa intermedial de incentivo à leitura imagética e à apreciação estética do gênero quadrinístico, que necessita de um trabalho diferenciado e específico. Como bem aponta Julie Sanders (2006), a adaptação não tem função facilitadora, mas sim de apresentar reinterpretações criativas.

Com o lançamento da coleção *Literatura Brasileira em Quadrinhos*, da editora Escala, no ano 2000, foram editados 19 trabalhos com adaptações de autores nacionais, isso até maio de 2014. Foram contemplados grandes nomes, como Raul Pompeia, Antônio de Alcântara Machado, Lima Barreto e Machado de Assis, sendo esses dois últimos os escritores brasileiros mais adaptados. A editora teve a preocupação de inserir, ao final de cada livro, uma lista de atividades direcionada aos alunos, com o intuito de agradar o sistema formal de ensino.

Machado de Assis teve três obras com mais de uma adaptação, realizadas num intervalo de poucos anos e por editoras diferentes. A primeira adaptação de obras de Machado foi a do conto "O alienista", que teve versões realizadas pelas editoras: Escala, dentro da coleção *Literatura Brasileira em Quadrinhos* (2006); Agir (2007); Companhia Editora Nacional (2008); e Ática (2008). A adaptação realizada por Moon e Bá, publicada pela Agir, foi incluída na lista do PNBE no ano de 2009. Essa adaptação, no ano anterior, foi premiada com um prêmio Jabuti na categoria melhor álbum didático e paradidático de ensino fundamental e médio.

Desde o ano de 1996, por meio da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), faz-se menção ao uso de HQs na sala de aula, os quais também aparecem nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais). Por meio desses documentos, percebe-se que as HQs foram apresentadas ao ensino formal brasileiro como instrumentos educacionais auxiliares, sobretudo no ensino das linguagens. Os quadrinhos foram reconhecidos e adotados como gêneros textuais de incentivo à leitura por "facilitar" o acesso dos leitores às obras originais. Porém, nunca se problematizou se eles devem ser trabalhados como gêneros independentes, em suas qualidades estéticas próprias, ou como substitutos da literatura original.

Cabe aqui um esclarecimento a respeito do fenômeno das adaptações na atualidade. Toda releitura de um texto canônico está condicionada a um novo sentido político e ideológico que, de alguma forma, atualiza o texto original. A decisão de se retornar a um determinado texto é influenciada, portanto, pelo engajamento político, ético ou ideológico do adaptador. Assim, a adaptação estabelece uma relação de homenagem com o texto anterior e age como um instrumento essencial para a manutenção e permanência de sua sobrevivência nos meios culturais (Vieira 2012). Nesse sentido, as adaptações para quadrinhos, tanto de Vilachã e Rodrigues quanto de Moon e Bá, contribuem para a permanência de Machado de Assis no cânone e nas listas de leituras escolares.

Conclui-se que não há fidelidade e uma adaptação será sempre diferente da outra. O texto adaptado passa pelo crivo da interpretação do adaptador, que, por sua vez, é influenciado por diversas dimensões que cercam seu contexto. Um dos fatores de influência é certamente a questão mercadológica propiciada pelo PNBE, que fomenta a produção de adaptações e seu consumo; um outro fator é a manutenção de Machado de Assis como autor "nacional", uma vez que mesmo que se aumente

consideravelmente o número de adaptações, nenhuma delas irá tirar o prestígio do "Bruxo do Cosme Velho".

2. A intermedialidade na adaptação quadrinística

Este trabalho volta-se para as adaptações quadrinísticas de um conto⁴ de Machado de Assis. Ao falarmos de quadrinhos – mais especificamente, do romance gráfico – estamos tratando de um gênero que envolve uma combinação de mídias – visual e verbal –, enquanto a adaptação quadrinística do texto literário pode ser considerada como uma transposição midiática, conforme Rajewsky (2012), por envolver um processo adaptativo de transformação de um gênero narrativo literário, no caso, um conto, para o romance gráfico, o qual envolve imagens e palavras em uma sequência de contiguidade e consecutividade narrativa.

De acordo com Clüver (2011: 9), o termo intermedialidade é recente, mas podemos constatá-lo como presente em todos os tipos de interação entre mídias. Uma metáfora usualmente empregada para esse termo é a de cruzamento de fronteiras entre as mídias, como o quadrinho, por exemplo, que usa a verbalidade e a imagem em conjunto, constituindo um novo produto midiático, e não se caracteriza como literatura e nem como arte puramente visual, como uma ilustração.

Nessa perspectiva, o romance gráfico é considerado como uma combinação de mídias por articular sequencialmente aspectos verbais e visuais em uma forma de narrativa que é comumente conhecida por caracterizar-se como uma "história em quadrinho". A combinação de mídias, segundo Rajewsky (2012: 24),

abrange fenômenos como ópera, filme, teatro, performance, manuscritos com iluminuras, instalações em computador ou de arte sonora, quadrinhos etc.; [...] A qualidade intermidiática dessa categoria é determinada pela constelação midiática que constitui um determinado produto de mídia, isto é, o resultado ou o próprio processo de combinar, pelo menos, duas mídias convencionalmente distintas ou, mais exatamente, duas formas midiáticas de articulação.

O objeto deste estudo são as adaptações de um conto para romance gráfico. Portanto, entra em questão outro processo intermidiático: a transposição. Conforme categorização de Rajewsky (2012: 24), a transposição intermidiática refere-se à transformação de uma mídia em outra, assim como a adaptação cinematográfica de um livro, por exemplo. De acordo com esse conceito, a transposição do conto "O alienista" de Machado de Assis para romance gráfico pode ser caracterizada como uma transposição intermidiática, uma vez que a mudança de modalidade midiática implica ajustes nas modalidades narrativas de cada mídia.

⁴ A categorização de "conto" para "O alienista" é controversa, pois o suporte inicial de seu lançamento foi a novela ou o folhetim, sendo publicado em *A estação* entre 1881 e 1882 e, posteriormente, na coletânea *Papéis Avulsos* em 1882 (cf. Pirota 2014). Considera-se aqui a obra como um *conto*, por centrar-se em uma unidade dramática (cf. Gotlib 2006). No conto, constata-se uma crítica expressa ao cientificismo do século XIX e ao positivismo, de maneira que o leitor é levado a questionar a ciência, o poder, a normalidade e a loucura.

No que concerne aos aspectos teóricos, observamos também outras questões de narratividade. De acordo com Gaudreault e Marion (2012), a adaptação de Vilanchã e Rodrigues (2006) é um exemplo de narratividade extrínseca. A narratividade intrínseca, nós podemos identificar na adaptação do conto pelos irmãos quadrinistas, Moon e Bá (2007).

Por isso é preciso levar em consideração a capacidade narrativa das mídias sob investigação aqui. Segundo Gaudreault e Marion (2012: 122), a narratividade é o "caráter ou a qualidade daquilo que é narrativo". Devemos também, ainda em consonância com Gaudreault e Marion (2012: 122-123), distinguir a narratividade intrínseca da extrínseca:

Narratividade intrínseca tem a ver com o potencial narrativo ontológico das mídias que ela possui, como uma função de sua própria midialidade (por exemplo, a contiguidade e consecução das imagens de uma história em quadrinhos).

[...]

Narratividade extrínseca, por outro lado, tem a ver com a disposição narrativa, mais forte ou mais fraca dependendo do caso, manifesta no substrato anedótico no qual a fábula é baseada.

A adaptação do conto "O alienista" por Moon e Bá (2007), utiliza a narratividade intrínseca, visto que exploram o caráter sequencial dos quadrinhos e os seus recursos para contar a história. Os quadrinistas transformam os acontecimentos narrados da história de Machado em imagens sequenciais, explorando os recursos disponíveis na mídia de destino, ou seja, no romance gráfico, tais como balões de fala, *timing*, requadros de tipos variados e enquadramentos. Nessa adaptação, o potencial narrativo está na mídia, na contiguidade e consecução das imagens e não no aspecto narrativo do conto. No trabalho produzido pelos irmãos há lacunas a serem preenchidas e interpretadas pelos leitores, indicando o caráter autoral dos quadrinistas a partir da leitura que fizeram do texto-fonte. Gaudreault e Marion (2012) salientam que, para que possam ter uma boa compreensão de uma história em quadrinhos, "os leitores deverão apelar à imaginação para representar mentalmente o que não foi oferecido em termos percentuais (som, movimentos, temporalidade)" (Gaudreault e Marion 2012: 125). Em outras palavras, exige-se mais do leitor em sua capacidade de decodificar não só palavras, mas também imagens.

Vilachã e Rodrigues (2006), porém, utilizam-se mais da narratividade extrínseca do conto de Machado de Assis. A narratividade extrínseca refere-se à história em si, aos fatos, ao enredo de uma narrativa, que podem ser transpostos para qualquer outro meio, pois independe da mídia que o envolve. Assim, a adaptação de Vilachã e Rodrigues (2006) não explora os recursos narrativos característicos dos quadrinhos e fica mais dependente do enredo do conto de Machado de Assis e isso pode ser constatado pelo excesso de textos nos recordatórios. A análise a seguir irá detalhar como cada uma das duas adaptações lidaram com o texto fonte durante o processo adaptativo em seus aspectos narrativos extrínsecos ou intrínsecos.

3. Análise das adaptações para os quadrinhos do conto de Machado de Assis

A seguir, apresentaremos uma análise da transposição de três cenas da obra machadiana, "O alienista", para a mídia romance gráfico. A primeira se refere ao momento do ataque dos Dragões aos Canjicas; a segunda, à saída de todos os loucos da Casa Verde e a terceira, à entrada e morte do alienista na Casa Verde. A escolha dessas cenas foi feita pelo fato de serem acontecimentos importantes para o desenrolar da narrativa no conto e por apontarem o quanto exploram dos recursos gráficos do gênero em questão. Procura-se identificar nelas como foi feita a transposição da sequência narrativa do conto para os quadrinhos, como se deu a narratividade e como os quadrinistas interpretaram Machado de Assis. Primeiro, isolamos o excerto do conto, e posteriormente comparamos as adaptações feitas por Vilachã e Rodrigues (2006) e Moon e Bá (2007). Buscamos mostrar, assim, que a disposição do caráter sequencial dos recursos quadrinísticos das adaptações denuncia as finalidades de cada transposição.

4.1 Ataque dos Dragões aos Canjicas:

No conto de Machado de Assis, a cena do ataque dos Dragões aos Canjicas é descrita sem muitos detalhes, enfatizando o momento de utilização das armas. Não narra o momento do ataque em si:

Nada mais imprudente do que essa resposta do barbeiro; e nada mais natural. Era a vertigem das grandes crises. Talvez fosse também um excesso de confiança na abstenção das armas por parte dos Dragões; confiança que o capitão dissipou logo, mandando carregar sobre os Canjicas. (Assis 1994: 21).

Na adaptação quadrinística de Vilachã e Rodrigues (2006) foi feita uma reprodução literal do texto machadiano, que foi disposto no recordatório (Figura 1). Foi utilizado apenas um requadro para ilustrar a cena, que mostra as armas dos Dragões - que não aparecem no conto - apontadas para os Canjicas. Também não há enfoque na ação. Percebe-se que o aspecto visual não é muito explorado, ficando restrito a apenas uma cena, em um requadro. Em relação à perspectiva, o leitor vê a cena de baixo para cima. O foco, voltado para a figura do barbeiro Porfírio, se torna mais nítido a partir do jogo de luz e sombra trabalhado pelos quadrinistas. Além disso, utilizaram o plano americano, recortando o personagem a partir dos joelhos, conferindo-lhe protagonismo.



Figura 1

Na adaptação quadrinística realizada por Fábio Moon e Gabriel Bá (Figuras 2-3) conferiu-se maior destaque à ação. Utilizam-se oito requadros para tratar desse momento. Há maior enfoque na sequência. Utilizou-se o recurso da substituição, privilegiando a ação com uso de onomatopeias para descrever os gritos e tiros nos quadrinhos, Q4-5-6-7-8. O que Machado de Assis descreve e narra de maneira detalhada, os quadrinistas mostram através de imagens, balões, recordatórios e onomatopeias. Foi usado ainda o *timing*, que segundo Eisner (2001) confere maior realidade à cena e mais impressão de movimento, ação, narração. As expressões faciais trabalhadas pelos artistas são mais expressivas. No Q5 fizeram uso de diversos tipos de plano: plano de detalhes no momento em que se mostra a arma em disparo; primeiro plano ao limitar o espaço a partir dos ombros dos Canjicas (Q4-6-8); e plano médio ao mostrar a figura dos Dragões da cintura para cima (Q3). No Q1-2 um requadro está superposto ao outro, com o intuito de marcar o foco temporal e conferir ação tão necessária neste momento da narrativa (Eisner 2001). Nesse sentido, a figura dos dois personagens, de frente um para o outro, leva o leitor a interpretar um sentimento de rivalidade e tensão antes do embate.



Figura 2



Figura 3

4.2 Saída de todos os loucos da Casa Verde

No romance de Machado de Assis tem-se uma preparação do leitor para algo importante que viria a se suceder: a saída dos loucos da Casa Verde. Ao tratar da notícia, faz-se menção às pessoas da vila que ficaram sabendo e se espantaram. A narrativa destaca o espanto da população:

E agora prepare-se o leitor para o mesmo assombro em que ficou a vila, ao saber um dia que os loucos da Casa Verde iam todos ser postos na rua. – Todos? – Todos. – É impossível; alguns, sim, mas todos... – Todos. Assim o disse ele no ofício que mandou hoje de manhã à Câmara. De fato, o alienista oficiara à Câmara expondo: [...]. (Assis 1994: 28).

A adaptação de Vilachã e Rodrigues focaliza a cena (Q1-2, nas Figuras 4-5) tal qual ela foi exposta no texto de Machado de Assis, explorando um pouco mais os balões de diálogos e recordatórios. Foram utilizados apenas dois requadros que ocupam quase toda a página. Essa economia de requadros passa a noção de uma pausa no tempo da narrativa e isso fica ainda mais perceptível pelo excesso de balões de fala, que poluem a disposição visual dos elementos. Ao mesmo tempo, parece haver um salto na ação entre os momentos distintos retratados pelos requadros. No Q1 o ângulo de visão é inferior, pois se coloca abaixo das personagens, focalizando nas feições de espanto da população ao ficarem sabendo da notícia da soltura dos loucos da Casa Verde. Tal ângulo confere exagero às expressões faciais, já que o enfoque, de baixo para cima, deforma as faces humanas, tornando-as maior do que realmente são e grotescas. Já no Q2 faz-se menção à câmara dos vereadores, com o foco no presidente da câmara ao ler o ofício enviado pelo alienista. Neste, foi utilizado o recurso do plano médio, ao apresentar a imagem do personagem da cintura para cima, conferindo-lhe poder.



Figura 4

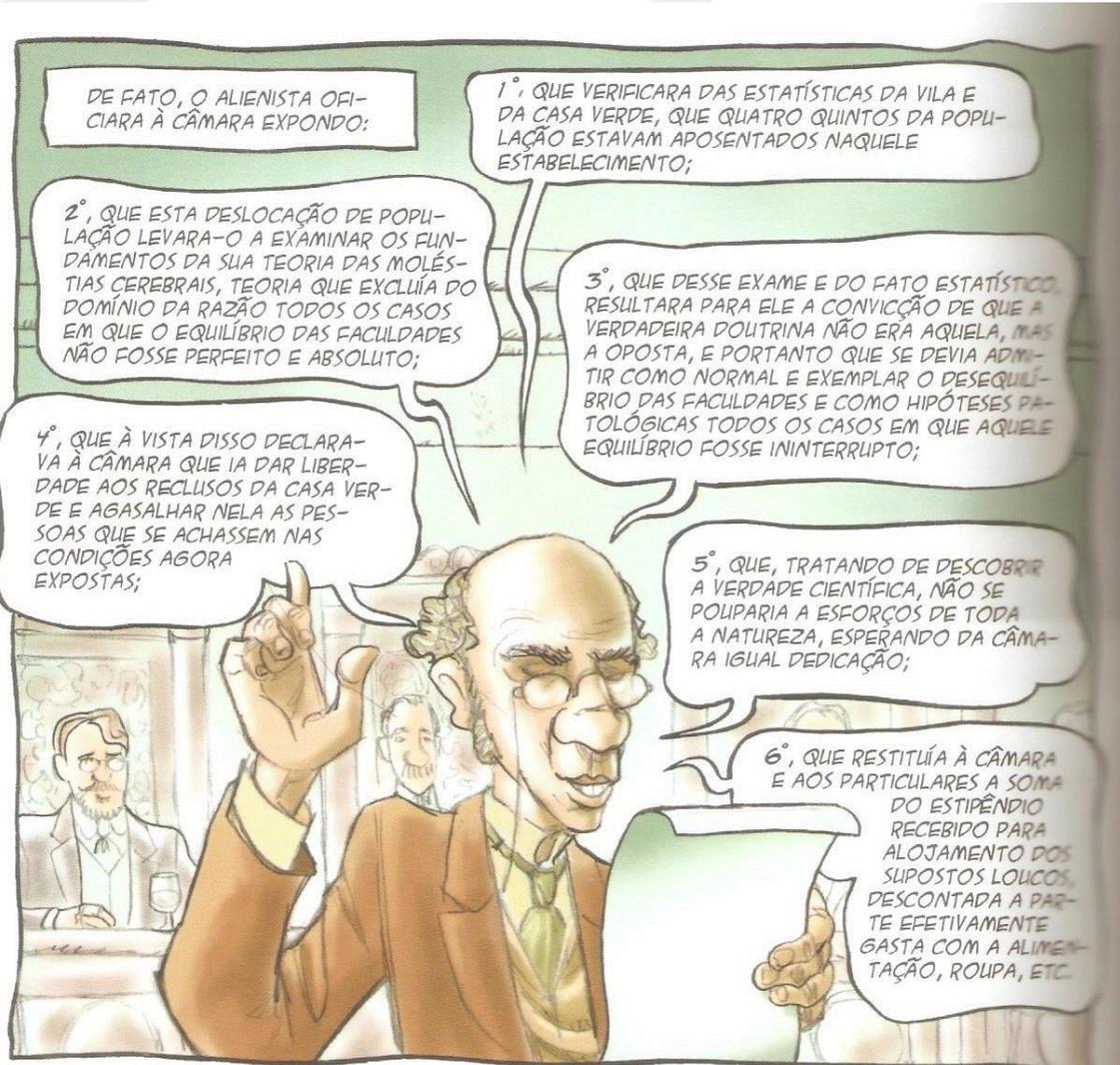


Figura 5

Na adaptação quadrinística realizada por Fábio Moon e Gabriel Bá foram utilizados dez requadros para a mesma cena (Figuras 6-7). Os quadrinistas, nos Q2-3-4-5, focalizam a chegada do ofício até a câmara dos vereadores através do *timing*, que gradativamente vai do ambiente exterior para o interior, que capta em detalhe a leitura do ofício. Nessa sequência, diferente do que acontece no conto e na adaptação de Vilachã e Rodrigues, é estabelecido um suspense: o silêncio dos quadrinhos sem balões de fala ou recordatórios confere mais tensão à sequência ilustrada na cena. Aqui não há, como na adaptação anterior, um foco no alvoroço da população com a notícia. A sequência dos quatro requadros (Q6-7-8-9), pequenos e estreitos, cria uma sensação de amontoamento, nesse caso, realçando o silêncio, a tensão e a apreensão. Ao final, destaca-se a figura dos loucos já soltos na rua (Q10, na Figura 7), em um requadro maior, que ocupa metade da página, dando a impressão de uma pausa no tempo durante o acontecimento. Há a presença também do recurso do plano médio, mostrando a figura dos personagens da cintura para cima, conferindo-lhes dignidade, embora as expressões faciais e os olhares remetam à condição de lunáticos das personagens retratadas (cf. Figura 7).



58

Figura 6

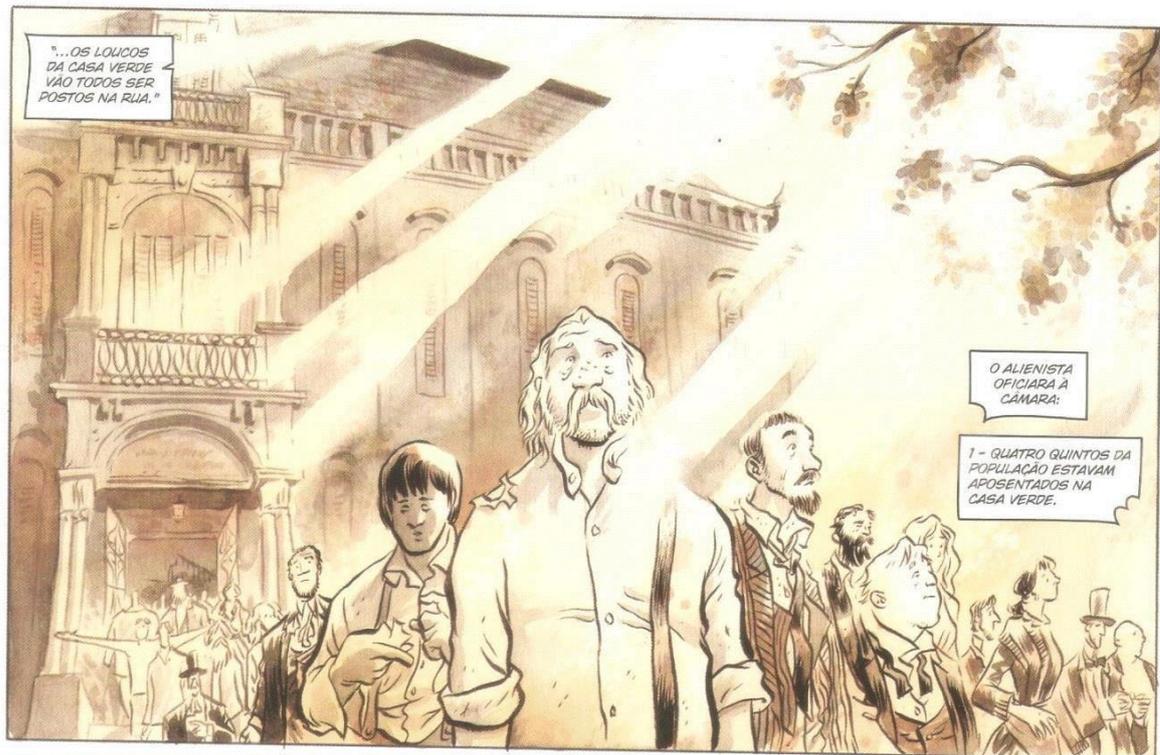


Figura 7

4.3 Entrada e morte do alienista na Casa Verde:

No conto de Machado de Assis, volta-se a atenção às pessoas da Vila e ao boato que surgiu a respeito do alienista como o único louco de Itaguaí.

Fechada a porta da Casa Verde, entregou-se ao estudo e à cura de si mesmo. Dizem os cronistas que ele morreu dali a dezessete meses, no mesmo estado em que entrou, sem ter podido alcançar nada. Alguns chegam ao ponto de conjecturar que nunca houve outro louco, além dele, em Itaguaí, mas esta opinião, fundada em um boato que correu desde que o alienista expirou, não tem outra prova senão o boato; e boato duvidoso, pois é atribuído ao Padre Lopes, que com tanto fogo realçara as qualidades do grande homem. Seja como for, efetuou-se o enterro com muita pompa e rara solenidade. (Assis 1994: 36).

A adaptação quadrinística realizada por Vilachã e Rodrigues reproduz literalmente o texto de Machado de Assis (Figura 8) que, como em outros momentos, explora mais a parte verbal do texto do que o aspecto imagético. Os três primeiros quadrinhos da sequência detalham os elementos que dizem respeito ao estudo, à ciência e à morte do alienista. No Q1, fazendo uso do plano total, observam-se as dimensões do espaço próximas ao personagem no enquadramento. E no Q3 utiliza-se o *close* e a tomada de *zoom* na figura do alienista em seu leito de morte, aparentemente exausto devido ao intenso estudo. Ao final, o Q4 destaca o Padre

Lopes em meio à multidão, focando, mais uma vez, na Vila de Itaguaí e sua população. Neste último quadrinho, o enquadramento está em plano médio.



58

Figura 8

Na adaptação quadrinística realizada pelos irmãos Fábio Moon e Gabriel Bá (Figura 9), a cena final é resumida em dois requadros, sendo que o Q2, em ângulo de visão médio, centra na porta do quarto no qual Simão Bacamarte permanece até a sua morte. A cena não apresenta elementos que correspondem aos estudos de Simão, como na adaptação de Vilachã e Rodrigues. No Q1 há uma tomada em zoom nas pernas do alienista quando ele entra na Casa Verde e mostram-se apenas as portas da casa com o interior escuro. Há um jogo de luz e sombras que passa a intenção de término, momento que exige do leitor que imagine como de fato se deu o fim de Bacamarte. Esse momento fica a cargo da imaginação do leitor, já que, ao ler a sequência, é mais uma vez invadido pela sensação de mistério, apreensão e suspense. Moon e Bá interpretam o texto de Machado de Assis de forma a explorar mais o aspecto imagético, o que permite maior abertura de leitura.

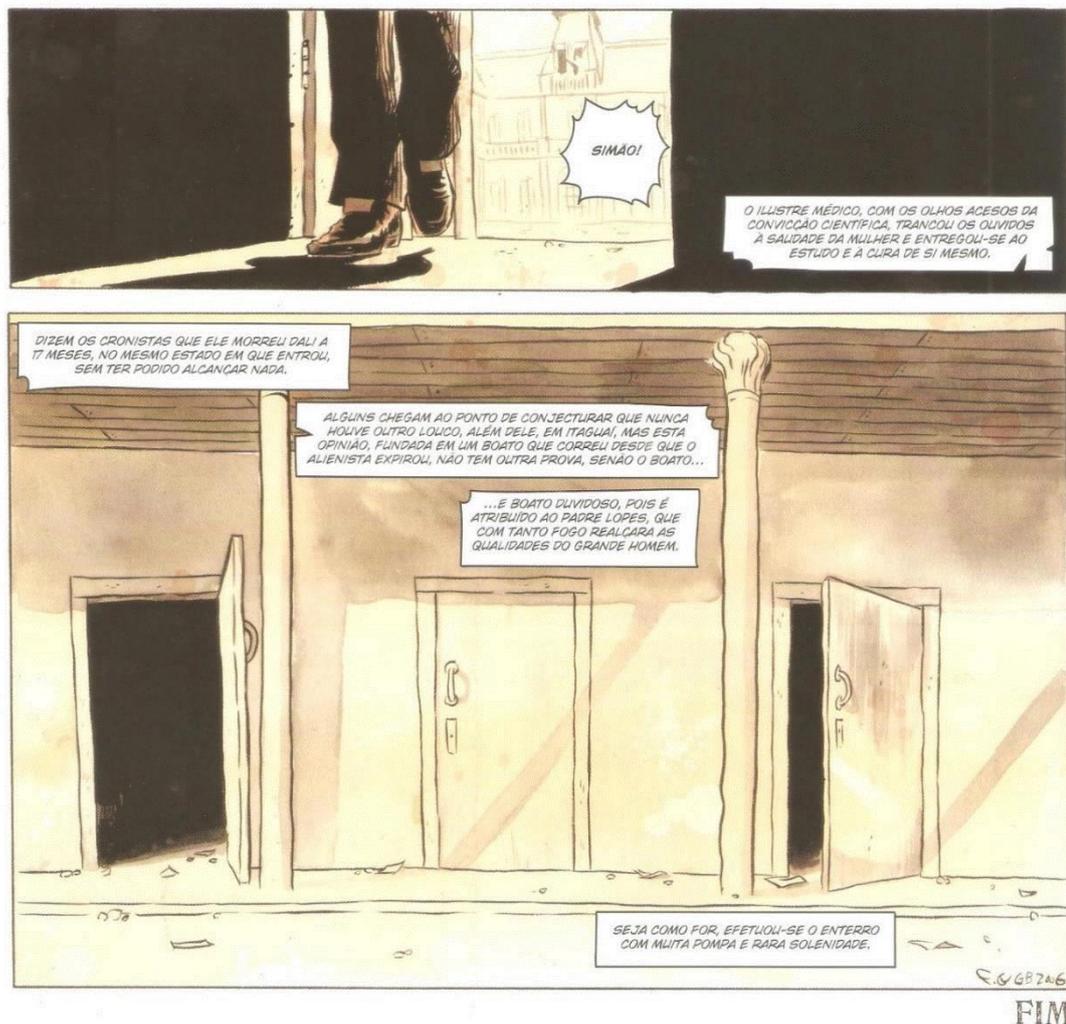


Figura 9

5. Algumas considerações sobre as adaptações

As adaptações são criadas pelos quadrinistas a partir da criatividade desses em suas escolhas, o que implica incluir e retirar elementos do texto fonte, por exemplo. De acordo com Costa (2013: 201-202) essa escolha condiz com cortes feitos no texto de Machado e com a organização do restante das partes do enredo em que houve a transposição para quadrinhos. É a partir da adaptação do enredo que se especifica o que será desenhado e o que será escrito nos balões e nos recordatórios.

A adaptação realizada por Vilachã e Rodrigues foi publicada em 2006 e integra um conjunto de obras da Editora Escala Educacional que tem como finalidade a quadrinização de clássicos da literatura brasileira. É possível constatar que a obra de Vilachã e Rodrigues concentra-se nas relações entre as pessoas e nos espaços onde as interações acontecem, e não se volta para os olhos de Dr. Bacamarte. Nessa obra, há transposição pontual do texto machadiano, que confere maior espaço ao texto verbal e deixa as imagens em segundo plano. Fundamentados na análise realizada, podemos inferir que esse trabalho tem o propósito de desempenhar o papel suplementador de leitura paradidática, tornando o texto de Machado de Assis mais

palatável para o público jovem, uma vez que as imagens são usadas como elementos ilustrativos complementares ao que está sendo narrado. Nesse sentido, essa obra serviria de base para se estudar o clássico em si. Como aponta Pirota (2014) a respeito dessa obra,

A escolha do traço, da disposição dos elementos visuais e das cores fez com que *O alienista* de Vilachã e Rodrigues não fosse uma obra baseada na de Machado de Assis[...], mas sim uma leitura que tem por objetivo adicionar cores às linhas do conto, dando ao texto a melhor poltrona da casa, e deixando as imagens em segundo plano. (Pirota 2014: 107).

Nesta adaptação, os quadrinistas não exploram recursos quadrinísticos diversificados. Exemplo disso foi a reduzida utilização dos balões de diálogo e pensamento, onomatopeias, *timing*, requadros variados, entre outros, havendo, por outro lado, maior uso dos recordatórios, ou seja, da voz do narrador. Em outras palavras, privilegia-se o aspecto verbal em demasia, enquanto o aspecto visual da HQ funciona como mera ilustração do texto. Ainda no que se refere ao aspecto imagético, percebe-se que não há riqueza de detalhes, focalizando-se essencialmente as personagens e o cenário, com destaque para algumas expressões faciais, que são pouco definidas. Há diversidade de cores, mas elas não acrescentam muito ao projeto adaptativo como um todo.

O aspecto verbal da HQ preserva o conteúdo do texto de Machado em sua integridade. Os leitores aqui podem ter a impressão de estar lendo, de fato, a obra dele. Reafirma-se então a narratividade extrínseca inerente a essa obra, pois o texto se mantém. Nesta adaptação, a leitura visual não é valorizada e o aspecto imagético é usado para facilitar a compreensão do aspecto verbal. As imagens servem como ilustração do texto, ou seja, elas replicam as ações do texto, conferindo redundância ao utilizar imagem e texto para a mesma cena.

A adaptação quadrinística do conto por Fábio Moon e Gabriel Bá (2007), ao contrário da obra de Vilachã e Rodrigues (2006), explora mais os recursos quadrinísticos, fazendo melhor uso destes. O aspecto imagético é trabalhado detalhadamente. Predomina o uso de cores em tons pastéis, de uma palheta que oscila entre o bege e o preto. Porém, a gama limitada de cores não atrapalha nem interfere na composição dos quadros. A substituição é um dos recursos utilizados com muita originalidade por parte dos autores e o recurso imagético é mais explorado como elemento narrativo através, principalmente, do *timing*. Os adaptadores utilizam-se, então, da narratividade intrínseca nessa adaptação, ao explorar largamente o potencial narrativo que o romance gráfico pode oferecer. Utiliza-se com maestria dos balões de diálogo e pensamento, das onomatopeias, do *timing*, de requadros variados. Levando-se em conta o trabalho mais autoral realizado por Moon e Bá do texto de Machado, essa adaptação exige mais da imaginação do leitor, permitindo uma leitura de múltiplas entradas.

A adaptação dos irmãos quadrinistas Fábio Moon e Gabriel Bá (2007) é uma releitura criativa do conto de Machado de Assis ao procurar traduzir a ironia machadiana em termos visuais. É relevante ressaltar ainda que o uso dos termos *graphic novel* associado aos dizeres "grandes clássicos" na capa da publicação sugere

a intenção de valorizar ainda mais o trabalho. O termo “clássico”, sozinho, já desperta no leitor um olhar diferente para a publicação e eleva seu status na indústria cultural como uma “obra” artístico-literária. Em outras palavras, essa adaptação, explora por meios visuais as metáforas e as metonímias do texto machadiano, sem precisar reproduzir em excesso o texto, buscando distanciar-se do caráter textual e, assim, aproximar-se mais da arte sequencial.

6. Considerações finais

O presente trabalho teve como objetivo realizar um estudo de duas adaptações do conto “O alienista” de Machado de Assis como transposições midiáticas (Rajewsky 2012). Essas obras têm potenciais narrativos distintos, uma vez que a adaptação de Moon e Bá (2007) explora mais a narratividade intrínseca, já que o potencial narrativo está na mídia romance gráfico, enquanto a adaptação feita por Vilachã e Rodrigues (2006) explora a narrativa extrínseca, visto que o potencial narrativo se concentra no conto em si (Gaudreault e Marion 2012). As análises buscaram demonstrar os efeitos produzidos pela transposição dos aspectos narrativos de cada adaptação para, assim, pensar como elas contribuem, em termos didáticos, para o uso em sala de aula.

Após a análise de cada adaptação pudemos constatar que as duas podem ser usadas como ferramentas didáticas, cada uma com suas particularidades. A adaptação de Vilachã e Rodrigues (2006) usa o texto de Machado de forma mais integral, utilizando imagens para reafirmar o que foi dito no aspecto verbal. O projeto gráfico da coleção da qual esta obra faz parte sugere que o aspecto sequencial da narrativa é usado para facilitar o acesso ao conto de Machado de Assis em sua integridade, inclusive mantendo o vocabulário e o texto originais, porém com cortes. Não se faz uso exploratório dos recursos quadrinísticos para narrar a história.

Já a adaptação de Moon e Bá (2007) realiza um trabalho mais autoral, com número maior de cortes e exploração maior de recursos quadrinísticos. Nesta obra, os quadrinistas fazem um trabalho em que há a exigência do uso da imaginação e da interpretação por parte do leitor para preencher as lacunas deixadas pelo processo adaptativo. O projeto gráfico desse trabalho faz jus à subcategoria dos quadrinhos que integra: as *graphic novels*. Esse romance gráfico, então, ao ser direcionado ao âmbito escolar, exigirá mais dos leitores, já que é um objeto de leitura mais complexo. As duas adaptações podem ser direcionadas ao meio educacional, porém devem ser trabalhadas em seus aspectos particulares, já que elas têm projetos gráficos distintos.

Destacamos a importância de levar o clássico adaptado para a sala de aula não como um recurso didático apenas, mas como uma experiência estética diferente, como um dos modos de se ler Machado de Assis hoje. Ele tanto pode despertar maior interesse por parte dos alunos, por apresentar uma linguagem caracteristicamente híbrida, como causar repulsa por frustrar as expectativas do leitor. É necessário, no entanto, chamar atenção para a narratividade própria dos quadrinhos, e para a simultaneidade do que é verbal e do que é visual que a combinação de mídias dos quadrinhos proporciona. Os quadrinhos, por terem o aspecto intermedial em sua

essência, podem auxiliar na formação leitora por apresentar-se como um objeto estético diferenciado e complexo em seu caráter híbrido, criativo e inovador.

INTERMEDIAL ANALYSIS OF TWO GRAPHIC NOVEL ADAPTATIONS FOR "THE ALIENIST"

Abstract: This study aimed to compare the narrative resources of two graphic novel adaptations made by Vilachã and Rodrigues (2006) and Moon and Bá (2007) to the classic short story "The alienist" through an analysis of Machado's work fragments. The graphic novel is considered as a combination of media itself and the adaptation process, a mediatic transposition, being both terms supported by the concepts of intermediality according to Rajewsky (2012), and the concept of media narrative based on Gaudreault and Marion (2012). The objective as to identify the kinds of narrativity that the adaptations brought to the source text, and how they contribute to the educational field as a reading tools.

Keywords: adaptation, intermedia, graphic novel, "The alienist".

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. O alienista. In: _____. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. II.

BORGES, R. *Clássicos em HQ*. São Paulo: Peirópolis, 2013.

CHINEN, N. et al. Literatura em quadrinhos no Brasil: uma área em expansão. In: RAMOS, P. et al (Org.). *Quadrinhos e literatura: diálogos possíveis*. São Paulo: Ed. Criativo, 2014. pp. 12-36.

CLÜVER, C. Intermedialidade. *Pós: Belo Horizonte*, v. 1, n. 2, pp. 8-23, nov. 2011.

COSTA, L. Machado em quadrinhos: aspectos discursivos de uma tradução intersemiótica. *Scientia Traductionis*, n.14, 2013, pp. 198-220.

EISNER, W. *Quadrinhos e arte sequencial*. Tradução de Luís Carlos Borges. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GAUDREULT, A.; MARION, P. Transescritura e Midiática Narrativa. Questões de intermedialidade. Tradução de Thaís Flores Nogueira Diniz. In: DINIZ, T. F. N. (Org.). *Intermedialidade e estudos interartes: desafios da arte contemporânea*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. pp. 107-128.

GOMES, R. *O alienista: loucura, poder e ciência*. *Tempo Social*, São Paulo, v. 5, n. 1-2, pp. 145-160, 1993. Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84953/87681>>. Acesso em: 22 jun. 2016.

GOTLIB, N. B. *Teoria do conto*. 11ª Ed. São Paulo: Ed. Ática, 2006.

GRAVETT, Paul. *Graphic Novels: Everything You Need to Know*. New York: Harper Collins, 2005.

MODENESI, T. V. *Quadrinhos e educação em cinco pontos de vista*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.

MOON, F.; BÁ, G. *O Alienista de Machado de Assis: adaptação de Fábio Moon e Gabriel Bá*. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

PIROTA, P. Palimpsestos machadianos: adaptações para os quadrinhos da obra O alienista. In: RAMOS, P. et al (Org.). *Quadrinhos e literatura: diálogos possíveis*. São Paulo: Ed. Criativo, 2014. pp. 85-110.

RAJEWSKY, I. O. Intermidialidade, intertextualidade e "remediação": uma perspectiva literária sobre a intermidialidade. Tradução de Thaís Flores Nogueira Diniz. In: DINIZ, T. F. N. (Org.). *Intermidialidade e estudos interartes: desafios da arte contemporânea*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. pp. 15-45.

RAMOS, P; VERGUEIRO, W.; FIGUEIRA, D. *Quadrinhos e literatura: diálogos possíveis*. São Paulo: Criativo, 2014.

SANDERS, Julie. *Adaptation and appropriation*. New York: Routledge, 2006.

VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. OS Quadrinhos (oficialmente) na escola dos PCN ao PNBE. In: _____ (Orgs.). *Quadrinhos na educação: da rejeição à prática*. São Paulo: Contexto, 2009. pp. 9-42.

VIEIRA, E V C. Espectros de Hamlet: questões de adaptação e apropriação. 2012. 199f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) - Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2012.

VILACHÃ, F.; RODRIGUES, F. O alienista de Machado de Assis: adaptação, roteiro e ilustrações de Francisco Vilachã. São Paulo: Digisa, 2013.

ARTIGO RECEBIDO EM 24/11/2016 E APROVADO EM 02/02/2017